



## RESENHAS E RECENSÕES / BOOK REVIEWS

*Hélio Pereira Lima\**

**Resenha da obra:** OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. **Metafísica e ética.** A filosofia da pessoa, em Lima Vaz, como resposta ao niilismo contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 2013. 295p.<sup>1</sup>

A obra tem como objetivo analisar a questão do niilismo na sociedade contemporânea, e o faz, com profundidade e clareza, a partir da filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Sob esse aspecto, a autora vai defender que existe um pressuposto incontornável no pensamento desse filósofo, que é a relação necessária entre a metafísica e a ética, e que essa relação encontra sua fundamentação última na constituição antropológica da pessoa, enquanto ser aberto ao Absoluto da existência. Com isso, ela procura demonstrar que a perda da relação do ser humano com o Absoluto está na origem da crise de sentido da sociedade contemporânea, porque se trata de uma crise de fundamento, a qual provocou o advento do niilismo, tanto metafísico, expresso no esquecimento da verdade do ser, quanto ético, objetivado na falta de orientação para a ação, uma vez que foram esquecidos os critérios normativos da verdade e do bem. Esse olvidar abriu as portas para a chegada da pós-modernidade, na qual a liberdade do agir abandonou seus princípios de orientação, tornou-se prisioneira da imanência e preteriu a relação com o fundamento último da existência. A obra está organizada em 6 capítulos cujas discussões estão na sequência.

---

\* Doutorando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco. Professor de Filosofia da UNICAP. E-mail: [hlima@unicap.br](mailto:hlima@unicap.br)

<sup>1</sup> Cláudia Maria Rocha de Oliveira é doutora, em Filosofia, pela *Pontificia Università Gregoriana*. É professora assistente e pesquisadora da *Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia*, FAJE. Atualmente, coordena o Grupo de Estudos Vazianos, cujo objetivo é análise da questão ético-antropológica da contemporaneidade, a partir da filosofia de Lima Vaz.

**1. Modernidade e niilismo.** O conceito que será a chave para compreensão da modernidade e do niilismo, na filosofia de Lima Vaz, será o de “enigma”, segundo Cláudia Oliveira. Ambos, modernidade e niilismo, são tratados como uma incógnita que exigirá uma análise, em profundidade, que seja capaz de lançar luzes até as suas entranhas, condição para forçar a revelação dos seus mais recônditos segredos e desmascarar a ilusão da positividade absoluta da tecnociência. A busca pelo desvelamento desses segredos pressupõe um retorno às origens da racionalidade que conformou o “ethos” moderno e deu a ela condições de buscar, a partir de si mesma, os modelos de justificação normativa próprios, em detrimento das formas tradicionais de fundamentação.

O que demarca, de forma incontestável, os tempos modernos é o advento da subjetividade: “penso, logo existo”, diz Descartes. A subjetividade é erigida como a última fronteira sobre a qual o indivíduo estabelece a verdade dele mesmo e do mundo que o cerca. Fora do “eu penso” não há nenhuma verdade a ser afirmada. O método, que antes significava, tão somente, o caminho que conduz à essência das coisas, à verdade, a partir de Galileu e Descartes tornou-se o instrumento, por excelência, da construção de modelos formais que, ao serem lançados sobre o mundo, permitem ao homem descobrir o funcionamento da natureza e estabelecer sobre ela o total controle. É a ação da racionalidade formal-operativa que, se por um lado, foi capaz de prover as condições para o desenvolvimento da civilização ocidental, em termos de riqueza e de progresso técnico-científico, por outro, criou uma cisão entre o ser humano e aquilo sobre o qual ele exerce o controle. A busca pela verdade e o sentido da existência foi substituída pela busca da crescente produção de objetos de consumo, por si mesmos incapazes de satisfazer ao anseio mais profundo do ser humano, que é o desejo pelo sentido absoluto da existência. Tendo perdido a perspectiva do horizonte da transcendência, o ser humano vê-se confinado à imanência. Desse modo, só lhe resta buscar algum sentido em meio à profusão de objetos produzidos por ele mesmo, mas que não satisfazem à aspiração por algo que está além da imanência. Dito de outro modo, o primado da racionalidade técnico-científica sobre outras formas de racionalidade conduziu, paradoxalmente, ao esquecimento da própria subjetividade, que foi a noção central sobre a qual a modernidade firmou sua identidade e foi capaz de conferir, ao sujeito autônomo, a capacidade de escolher o seu destino. Esse esquecimento da subjetividade, ou seja, do que constitui efetivamente o ser humano, enquanto ser aberto ao Absoluto, conduziu à perda de sentido, ao anúncio do niilismo e à propagação da falta de

orientação, fenômenos que caracterizam o declínio da modernidade e o advento da pós-modernidade. Eis o enigma a ser decifrado, que a obra se propõe a analisar.

**2. O método dialético.** Na impossibilidade de o método científico-técnico, gestado pela racionalidade lógico-matemático, dar respostas sobre o enigma da modernidade, impõe-se, como desafio, buscar um método que seja capaz de retornar à realidade e nela descobrir outras possibilidades que não apenas a de prover matéria prima para a produção de bens de consumo, e de apreendê-la como possibilidades diversas de significações, pois é junto à natureza que o mundo humano é erigido, como um universo de sentido, e constituído na sua forma simbólica.

O método dialético será, portanto, o recurso utilizado por Lima Vaz, segundo Cláudia Oliveira, para apresentar esse caminho que conduz, tanto à compreensão do “enigma da modernidade”, quanto ao resgate do sentido que caiu no esquecimento, nos escaninhos da racionalidade científico-técnica.

Sob esse aspecto, Cláudia Oliveira vai acompanhar Lima Vaz no que há de original na aplicação do método dialético, ou seja, no seu distanciamento das perspectivas platônica e hegeliana. O inédito em Lima Vaz é que ele desperta a possibilidade de compreender a oposição entre finito-infinito, como uma dinâmica própria da estrutura da pessoa humana, enquanto ser aberto ao Absoluto, e, ao mesmo tempo, possibilita uma percepção ampliada das contradições da contemporaneidade, sobretudo no que tange ao problema do niilismo e da falta de sentido.

Isso denota que, quando o ser humano afirma “Eu sou”, ele se coloca como um existente que, na sua constituição antropológica, pressupõe um outro, que afirma também seu ser de forma idêntica. Ou seja, o “Eu sou” só atinge o estatuto ontológico, por excelência, em face de um outro “Eu sou”: duas consciências que se encontram e que visam ao reconhecimento. Assim, o pleno reconhecimento da relação “eu - tu” somente é possível porque ambos compartilham um mundo comum. No entanto, esse “ethos” não esgota o desejo que os move em busca de uma significação maior, porque a constituição humana está aberta ao Absoluto.

Assim, se em Platão a dialética dirige-se para o sentido vertical – o retorno ao mundo das ideias –, e em Hegel para o horizontal – o espírito se realiza na história –, em Lima Vaz o movimento dialético aponta nos dois sentidos, pois o ser humano atua na história e dela é parte constitutiva, porém o sentido Absoluto perseguido pelo existente é trans-histórico.

**3. A opção por Tomás de Aquino.** Trata-se de uma opção que vem como resposta à própria condição humana, enquanto existente. Santo Tomás de Aquino foi o primeiro que tematizou a questão da inteligibilidade da existência, e não a colocou como um simples acidente da essência. Sob esse aspecto, ele inaugurou o que as filosofias da existência irão desenvolver na contemporaneidade. Com ele, a existência é considerada como o ato mesmo de ser, porém, somente o é por analogia, ou seja, o homem é porque Deus é.

O pensamento sobre o ente que tomou forma na modernidade abandonou a perspectiva analógica do ser, desenvolvida por Tomás de Aquino, e abraçou a caminho da univocidade do ser, cujo vetor está voltado para a imanência, em detrimento da transcendência, o que conferiu inteligibilidade absoluta ao sujeito do conhecimento (sujeito transcendental) e inaugurou uma perspectiva antropocêntrica do pensar a imanência, ou seja, uma visão que esquece a preocupação com a transcendência.

Conforme explica a autora, o pensamento antropocêntrico moderno, fruto da racionalidade analítico-instrumental, mesmo que esteja “ligada ao agir e ao fazer humanos”, é incapaz de pensar o ser humano porque ele mesmo se tornou a medida de seu próprio existir. Não mais voltada à transcendência, essa racionalidade torna a existência obscura para a própria razão. Eis o fruto maduro colhido do abandono da perspectiva analógica do ser, o que conduziu à privação do sentido e “à proclamação do niilismo”.

Nessa perspectiva, segundo Cláudia Oliveira, o pensamento de Lima Vaz retorna à filosofia tomista em busca de compreender até que ponto os descaminhos da modernidade e o conseqüente vazio de sentido podem estar associados ao abandono de um pensamento que via a existência humana como um percurso que não seguia à deriva, mas cujo desígnio estava ancorado num sentido que tem seu início em Deus e para Ele retorna. É o que será objeto do capítulo seguinte.

**4. A pessoa humana.** O conceito de pessoa humana tem como propósito restabelecer o estatuto transcendente da existência, colocá-la como centro dinâmico sobre qual pode ser pensado o sentido mais profundo do ser humano e, finalmente, responder às injunções do niilismo pós-moderno.

Quando o ser humano se interroga “quem eu sou?”, ele se pergunta sobre o seu ser e, ao mesmo tempo, sobre o seu agir, pois é na ação que ele se torna o que ele é. Ao se descobrir como um

ser intencionalmente aberto ao transcendente, o ser humano se descobre como um ser que necessita conhecer sempre mais a sua constituição fundamental, para poder buscar um parâmetro adequado, capaz de o fazer apreender o seu estatuto antropológico originário e a medida para o seu agir. Sob esse aspecto, ao buscar conhecer-se a si mesmo ele se depara com um limite intransponível, qual seja, o da sua finitude. Porém, essa finitude, mesmo que seja real, não favorece, o bastante, o pulsar da vida que anseia por algo que vai além desta vida.

Esse impulso vital desperta no ser humano a necessidade de explicitar o “Eu sou”. O conceito que assoma em resposta a essa interrogação constitutivamente ontológica é o de “pessoa humana”. Mas, o que é a pessoa humana: “síntese dinâmica entre a essência e existência”. Somos, pois, puro devir, pois é na história que devemos nos tornar o ser que somos, porque a essência deste ser se realiza na história, existência, porque é abertura à transcendência.

É essa dinâmica do vir-a-ser da pessoa humana que o niilismo metafísico moderno impede de se realizar, por que fixa, determinadamente, a condição de abertura do ser a apenas uma das suas possibilidades, qual seja, a da imanência, e não a da síntese dialética da essência e existência.

Com isso, a orientação para o agir perde a sua referência de fundamento na verdade, como critério normativo do próprio agir, o que desagua no niilismo ético.

**5. A pessoa moral.** É pelo agir que realizamos o que somos, porque toda ação, que visa ao bem, tem como conteúdo a própria verdade. Verdade e Bem são conceitos coextensivos e formam a unidade inviolável da nossa constituição, enquanto pessoa humana. É por isso que a ontologia do ser nos remete, incondicionalmente, à ontologia da ação. Aquele que conhece a verdade deve agir de acordo com a verdade, ou seja, realiza o que está de acordo com o seu ser. É sob esse aspecto que o ato por excelência que revela a grandeza do ser humano é o agir ético, que é o resultado de uma vida pautada sobre as normas justas. Nesse sentido, diz Cláudia Oliveira: “Ao fazer a experiência do próprio ser como ser interrogante que se diz a si mesmo, o sujeito se descobre aberto ao horizonte da Verdade. Ao fazer a experiência de seu próprio ser em ato, ele se descobre como aberto ao horizonte do Bem. Verdade e Bem são noções transcendentais conversíveis à noção de ser. A experiência que fazemos da unidade de nosso próprio ser nos remete à experiência metafísica do Uno como fundamento de nossa unidade dinâmica”.

Por conseguinte, enquanto pessoa moral, o ser humano está, inelutavelmente, diante do desafio de atualizar, na existência, a sua essência. Trata-se de numa tarefa que jamais será completamente satisfeita. Por isso, por estar diante de uma multiplicidade de opções, ele deve escolher aquela que o possibilite levar a cabo sua destinação última.

Sob esse aspecto, o dinamismo da pessoa moral deve estar orientado para as escolhas que elevem a pessoa moral ao seu mais alto grau de solicitude, em relação aos seus semelhantes, e de absoluto respeito pela natureza. O agir moral constitutivo da pessoa não é aquele da simples obediência heterônoma à norma, mas se trata de um agir autônomo que é capaz de elevar a norma à perfeição, pois o “telos” de toda ação, fincada na verdade, tem em vista a realização do Bem.

**6. A pessoa Absoluta.** Neste último capítulo, o conceito de pessoa atinge seu ponto mais elevado na reflexão sobre o princípio último da existência. Aqui está presente a ideia da “analogia do ser”, desenvolvida por Tomás de Aquino. Para a tradição cristã, a experiência que dá acesso ao fundamento absoluto da existência é a experiência mística.

Trata-se por excelência da experiência do Uno que, diferentemente de outras formas expressões religiosas e enquanto Absoluto, é uma pessoa concreta, ou mais ainda, é a Trindade que através de Jesus Cristo assume a condição humana, torna-se um de nós, e nos vem mostrar que somos a imagem e semelhança do próprio Deus; que o nosso ente se realiza numa relação de convivência comunitária; que a história não está entregue às forças do acaso. Porém, o sentido final da existência permanece trans-histórico e o seu fundamento é o próprio Deus, origem e sentido da existência.

Por conseguinte, uma vez que a razão moderna somente atesta como verdadeiro aquilo que se submete ao seu método lógico-matemático, o Absoluto da experiência mística foi negado ou mesmo colocado sob suspeição. Como a experiência do Deus cristão é uma experiência de amor, ela não pode corresponder a uma experiência passível de ser reconhecida pela razão moderna, pois essa racionalidade somente consegue legitimar aqueles objetos que são prisioneiros de suas redes lógico-matemáticas. Ou seja, o Absoluto transcendente, que é condição última da inteligibilidade da existência e norma última do agir humano, está dispensado, pela racionalidade moderna, de ser a verdadeira fonte de sentido.

Pode-se dizer que existe, apenas, um único caminho capaz de superar niilismo metafísico-ético, qual seja: a rememoração do ser, visivelmente esquecido em meio a tantos objetos de consumo. Isso poderia ocorrer por meio daqueles que ainda acreditam que a história é o lugar no qual Deus manifesta o seu plano de salvação, através da Boa Nova de Jesus Cristo. Somente assim será possível projetar alguma luz sobre o “enigma” da modernidade e, com isso, tentar vislumbrar uma saída para superar a falta de sentido e o niilismo metafísico-ético, pântano no qual foi submergida a modernidade pela racionalidade científico-técnica.

Ao examinar o caminho percorrido por Cláudia Oliveira, na sua tentativa de apreender o pensamento de Lima Vaz, a conclusão a que se chega não poderia ser outra senão a de se afirmar que o desafio ao qual ela se lançou, o de analisar o conjunto da obra desse filósofo, foi perfeitamente vencido, o que demonstra o seu profundo conhecimento da filosofia de Lima Vaz. Como poderá ser apreendida da leitura dessa obra, trata-se, portanto, de uma contribuição indispensável para a compreensão e o aprofundamento das questões relativas ao niilismo e à crise de sentido da modernidade. Mesmo que sejam de caráter, eminentemente, filosóficas, as reflexões trazidas pela autora abrem o debate para outras áreas das ciências humanas que estão preocupadas com a falta da perspectiva humanista nos debates correntes. A clareza e a articulação dos temas abordados não deixam o leitor indiferente à profunda crise de sentido que se abateu sobre a sociedade contemporânea. A atualidade dessa discussão pode ser encontrada em **os** filósofos que têm como preocupação o tema da modernidade, a exemplo de **Jürgen** Habermas, e da pós-modernidade, como é o caso de **Gianni** Vattimo e **Jean-François Lyotard**.